



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – UFES
Licenciatura Intercultural Indígena – PROLIND
Centro de Ciências Humanas e Naturais - CCHN

**EDUCAÇÃO INFANTIL PARA CRIANÇAS INDÍGENAS DA ALDEIA
COMBOIOS: PROPOSTA PARA UMA SALA TEMÁTICA CULTURAL
*TUPINAKYÏA***

**MARIA DA PENHA BARBOSA
&
LORRANI COUTINHO RODRIGUES**

Comboios, Aracruz - ES

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – UFES
Licenciatura Intercultural Indígena – PROLIND
Centro de Ciências Humanas e Naturais - CCHN

**EDUCAÇÃO INFANTIL PARA CRIANÇAS INDÍGENAS DA ALDEIA COMBOIOS:
PROPOSTA PARA UMA SALA TEMÁTICA CULTURAL TUPINAKYÏA**

MARIA DA PENHA BARBOSA
&
LORRANI COUTINHO RODRIGUES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Prolind como requisito para obtenção do título de Graduado em Licenciatura Intercultural Indígena do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo.

Orientador: Prof. Dr. João Porto (João Luiz Simplício Porto)

Comboios / Aracruz – ES

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – UFES
Licenciatura Intercultural Indígena – PROLIND
Centro de Ciências Humanas e Naturais - CCHN

**EDUCAÇÃO INFANTIL PARA CRIANÇAS INDÍGENAS DA ALDEIA COMBOIOS:
PROPOSTA PARA UMA SALA TEMÁTICA CULTURAL TUPINAKYÏA**

MARIA DA PENHA BARBOSA
&
LORRANI COUTINHO RODRIGUES

Aprovado em: 14 de maio de 2022

Banca Examinadora:

Prof. Dr. João Porto (João Luiz Simplício Porto) - Orientador
DLCE – CE - Universidade Federal do Espírito Santo

Profa. Dra. Regina Godinho de Alcântara
DLCE – CE - Universidade Federal do Espírito Santo

Profa. Dra. Suzete Terezinha Orzechowski
Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Tupã, por ter nos dado a oportunidade, força de vontade e coragem para superar todos os desafios. Também por fazer parte dessa família que é o PROLIND.

ÀS nossas famílias por todo apoio. Aos nossos colegas *prolindianos*. Aos professores que nos acompanharam ao longo do curso. À nossa anciã Dona Nilza Barbosa, por contribuir com seus conhecimentos. À nossa coordenadora pedagógica Leidiane Pego, por não desistir de nós. A nossa coordenadora do curso Professora Celeste Ciccarone por ter abraçado esse curso que é de extrema importância para nós, indígenas tupinakyã e guarani.

Nosso designer Jonas Pedroza, que cuidou de cada detalhe do nosso projeto.

Nossos sinceros agradecimentos ao nosso orientador Prof. Dr. João Porto pelo acolhimento, dedicação, paciência e amizade. Nunca desistiu do nosso trabalho. Não mediu esforços para nos ajudar. Melhor orientador! Da faculdade para a vida!

Agradecemos, também, aos professores e às diretoras da EMFI Dorvelina Coutinho, à UFES como instituição, por ter nos dado ferramentas e reconhecimento do direito de chegarmos ao final desse ciclo.

A-i-kuguab-eté!!!

Em memória de Dorvelina Coutinho

*Xe rera tupinakyiã
Xe ratã, xe abaeté
Abá-pe 'ara porá
O-ikobé ixé îabé
Xe retama i porang
Tupã xe moeté
Xe anama turusu
Xe abá-atã-ngatu*

(Meu nome é tupiniquim
Eu sou forte, eu sou valente
Que habitante do mundo há como eu?
Minha terra é bela
Tupã me honrou
Meu povo é grande
Eu sou indígena muito forte)

RESUMO

Trabalho final de conclusão de curso no formato de “produto cultural educacional” que, a partir de uma problemática de como a escola pode participar do grande projeto de retomada da cultura *tupinakyã*. O objetivo se desvela na apresentação de um projeto de reestruturação de uma sala de aula para Educação Infantil para crianças indígenas na EMEFI Dorvelina Coutinho na Aldeia de Comboios / ES. Em forma de memorial descritivo o trabalho apresenta também a vivência, dentro de um percurso escolar, das autoras, hoje, professoras da Educação Indígena.

Palavras-Chave: Educação: infantil, indígena. Produto: educacional, cultural.

EDUCAÇÃO INFANTIL PARA CRIANÇAS INDÍGENAS DA ALDEIA COMBOIOS: PROPOSTA PARA UMA SALA TEMÁTICA CULTURAL *TUPINAKYÏA*

1. APRESENTAÇÃO

Como estudantes da Licenciatura Intercultural Indígena, pelo programa Prolind, na Universidade Federal do Espírito Santo, nos foi dada a possibilidade de trabalhar com um produto cultural educacional. Em discussão com nosso orientador, pensamos sobre a palavra produto não ser tão adequada, principalmente quando nos referimos à Educação. Assim mais do que um produto – nome oficial no PPC do Curso – nosso trabalho é a transposição de um sonho, um ideal, em forma de um projeto. Sonhamos muitas possibilidades sem pensar se, agora, poderíamos de alguma forma executar o projeto, porém tudo começa com um sonho. Nosso sonho é o de ter uma sala para a Educação Infantil para Crianças Indígenas com aspectos da nossa cultura ancestral, mas também com nossa vida moderna, contemporânea e, evidentemente, pensando que os direitos devem ser iguais para todos, inclusive o de uma escola estruturada que faça com que as crianças tenham prazer em estudar nela. Nossas ideias foram se moldando, se reformulando, foram sendo apagadas, refeitas, interrompidas. Nosso caminho foi difícil, porém sabíamos que era o que queríamos. Dessa maneira, segue então nosso percurso até chegar no projeto que se apresenta nesses escritos.

1.1 PROBLEMA / PROBLEMATIZAÇÃO / PERGUNTA

Como professoras na modalidade da Educação Infantil, numa escola indígena em Aracruz/ES, tivemos algumas preocupações com a formação cultural *tupinakyïa* dentro do currículo escolar e a partir de uma análise visual da composição da sala de aula dos grupos 4 e 5 anos. Algumas expectativas são criadas quando essas salas são visitadas. Elas não parecem responder, ao menos visualmente, às propriedades culturais *tupinakyïa*, como nos móveis, na decoração, nos objetos e na literatura disposta.

A formação cultural dos seres humanos é iniciada já na infância assim é importante, para uma criança, segundo Vago-Soares (2015) “[...] possibilitar que ela se sinta protagonista de sua história e saiba da sua importância na história coletiva dos espaços sociais que ocupa”. Portanto, nessa fase, é importante que as crianças tenham o máximo de informações e conhecimentos sobre sua própria cultura, porém isso também não impede que elas conheçam e se apropriem de outras culturas, principalmente pelo fato da escola *tupinakyia* da Aldeia de Comboios atender apenas até ao nono ano, prosseguindo, essas crianças, em seus estudos, em uma escola não-indígena no Ensino Médio.

Recentemente, tornou-se um objetivo da escola indígena, a retomada da linguagem Tupi bem como de vários outros aspectos culturais da nossa etnia e, consideramos, então, que é de suma importância a participação da Educação Infantil para crianças indígenas nesse movimento.

Assim nos perguntamos se uma sala temática, na Educação Infantil para crianças indígenas, pensando na retomada da língua e da cultura *tupinakyia* como um projeto coletivo, pode contribuir para que, a mesma, seja parte do processo educativo-cultural das crianças na Aldeia de Comboios dentro desse processo de retomada?

1.2 JUSTIFICATIVA

Para nós, que crescemos nas aldeias, com uma proposta de uma escola branca e com um currículo que não condizia com nossos costumes, é importante esse tipo de sugestão para contribuir numa ação coletiva, atual, de retomada da nossa cultura e língua no currículo escolar. Nós compreendemos que parece incoerente termos uma “sala temática indígena” dentro de uma escola que se propõe indígena, direcionada para estudantes indígenas e, atualmente, priorizando o exercício docente indígena com nossa formação num curso de Licenciatura Intercultural Indígena. Porém, nesse processo de retomada e de tantos fatores impostos nos

Últimos anos, consideramos que seja uma boa justificativa, a ideia de, ao invés de mais uma vez tentarmos de fora para dentro, agora tentarmos mudanças, com pequenos focos, de dentro para fora e que, talvez isso possa ir se ampliando a cada dia, ao ponto de que, muito futuramente, o que se precise numa escola indígena é a proposta de uma sala temática não indígena. Enquanto isso fica num campo de sonhos e ideias e, talvez, nunca tenhamos de fato uma escola totalmente indígena em seu currículo, metodologia, políticas, materiais didáticos, etc., consideramos importante resistir no espaço micro político da sala de aula.

1.3 OBJETIVO GERAL

Dessa maneira, o trabalho propõe-se como um galho na grande árvore da recuperação e manutenção da cultura *tupinakyîa* na região de Aracruz, sendo então o objetivo geral:

Participar e contribuir, como professoras da Educação Infantil com formação específica num Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, por meio da Educação Infantil para crianças indígenas, na recuperação e manutenção da cultura do nosso povo, referenciando na escola, como mediadores didáticos, nossos artefatos, nossos utensílios, nossa linguagem, nossas histórias, nossa relação com a natureza, nossas danças e todas as questões culturalmente relevantes para os *tupinakyîa*.

1.3.1 OBJETIVO ESPECÍFICO

- Apresentar uma sugestão estrutural e estética de como consideramos que uma sala para a Educação Infantil para crianças indígenas deve ser para que possa contribuir com a recuperação e manutenção da herança cultural *tupinakyîa* numa Escola Indígena da Aldeia de Comboios, em Aracruz/ES.

2. METODOLOGIA

Nosso trabalho foi baseado na proposta de projeto cultural de conclusão de curso como possibilitado pelo PPC do curso de Licenciatura Intercultural Indígena (Prolind). Assim apresentamos um Memorial Descritivo e um Produto Cultural a partir de uma proposta de reconfiguração da sala de aula do grupo de 4 e 5 anos da Educação Infantil para Crianças Indígenas da Emefi "Dorvelina Coutinho" na Aldeia de Comboios, Aracruz/ES.

Inicialmente, foi feito um registro fotográfico de como se configura a sala dos grupos 4 e 5 atualmente, priorizando os móveis, equipamentos e utensílios que hoje são utilizados como recursos materiais nesse grupo. O uso da fotografia como fonte, pode ser considerada documento de pesquisa de primeira mão, dentro da pesquisa Documental, como afirma Gil (2008). Para Prodanov e Freitas (2013, p. 56)

Entendemos por documento qualquer registro que possa ser usado como fonte de informação, por meio de investigação, que engloba: observação (crítica dos dados na obra); leitura (crítica da garantia, da interpretação e do valor interno da obra); reflexão (crítica do processo e do conteúdo da obra); crítica (juízo fundamentado sobre o valor do material utilizável para o trabalho científico).

Após isso foram feitas observações e descrições sobre os dados estruturais que hoje compõem a sala de aula dos grupos 4 e 5, bem como uma reflexão crítica sobre as formas didáticas para uma sala culturalmente relevante para os *tupinakyia*. Isso remeteu à uma pesquisa descritiva, tal qual proposta também por Prodanov e Freitas (2013) que afirmam (p. 53) que "elas são [as pesquisas descritivas] são as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática" (grifo nosso). Dessa maneira, esse tipo de investigação, nos permitiu pensar nas na Educação Infantil para crianças indígenas, tendo o reajuste estrutural da sala como uma indicação estética e didática que poderá contribuir com a recuperação e manutenção de elementos da cultura *tupinakyia*.

Depois dos registros fotográficos, os trabalhos começaram com estudos e orientações sobre os elementos relevantes, na nossa concepção, para ambientar a

sala. Algumas reuniões foram feitas com o designer Jonas Pedroza que utilizou o programa “Sketchup” para que construíssemos os croquis e definíssemos o projeto, de acordo com nossas ideias sobre uma sala temática cultural *tupinakyia*.



Figura 1: Professora Maria da Penha Barbosa esboçando alguns elementos, tipos, formas e linhas importantes na formatação do projeto. Acervo das autoras.



Figura 2: Professoras Maria da Penha Barbosa e Lorrani Coutinho Rodrigues elaborando, com o designer Jonas Pedroza, o esboço de alguns elementos, tipos, formas e linhas importantes na formatação do projeto.

Antes, porém, da descrição do nosso projeto e, pela nossa experiência como professoras, entendemos, para o mesmo, a necessidade de um memorial descritivo sobre como nosso percurso formativo, nossa atuação e nossa história de vida na escola contribuíram para um aprimoramento do nosso olhar quanto à educação e às questões culturais *tupinakyã*. Agora, como professoras, nessa etapa docente, consideremos que nosso currículo vivido deve ser relatado, quase autobiograficamente, indicando nosso lugar de proposição de uma ideia que poderá contribuir com o resgate da cultura *tupinakyã* dentro da Educação Infantil para crianças indígenas.

3. MEMORIAL DESCRITIVO DO PRODUTO CULTURAL-EDUCACIONAL

É improvável, nesse tipo de proposição, que não se pense o histórico dos sujeitos envolvidos. Assim, esse memorial, de forma concisa, foi dividido em sessões de apresentação:

- *Um relato sucinto da história da aldeia, da Escola e da anciã que lhe nomeia;*
- *Nossas narrativas autobiográficas, sobre nossos percursos dentro da educação;*
- *Uma sugestão imagética e crítica de reestruturação e reconfiguração de uma sala de aula sob os aspectos estéticos que envolvam os processos de alfabetização visual com foco na cultura *tupinakyã* da aldeia de Comboios, em Aracruz/ES.*

3.1 COMBOIOS E A EDUCAÇÃO

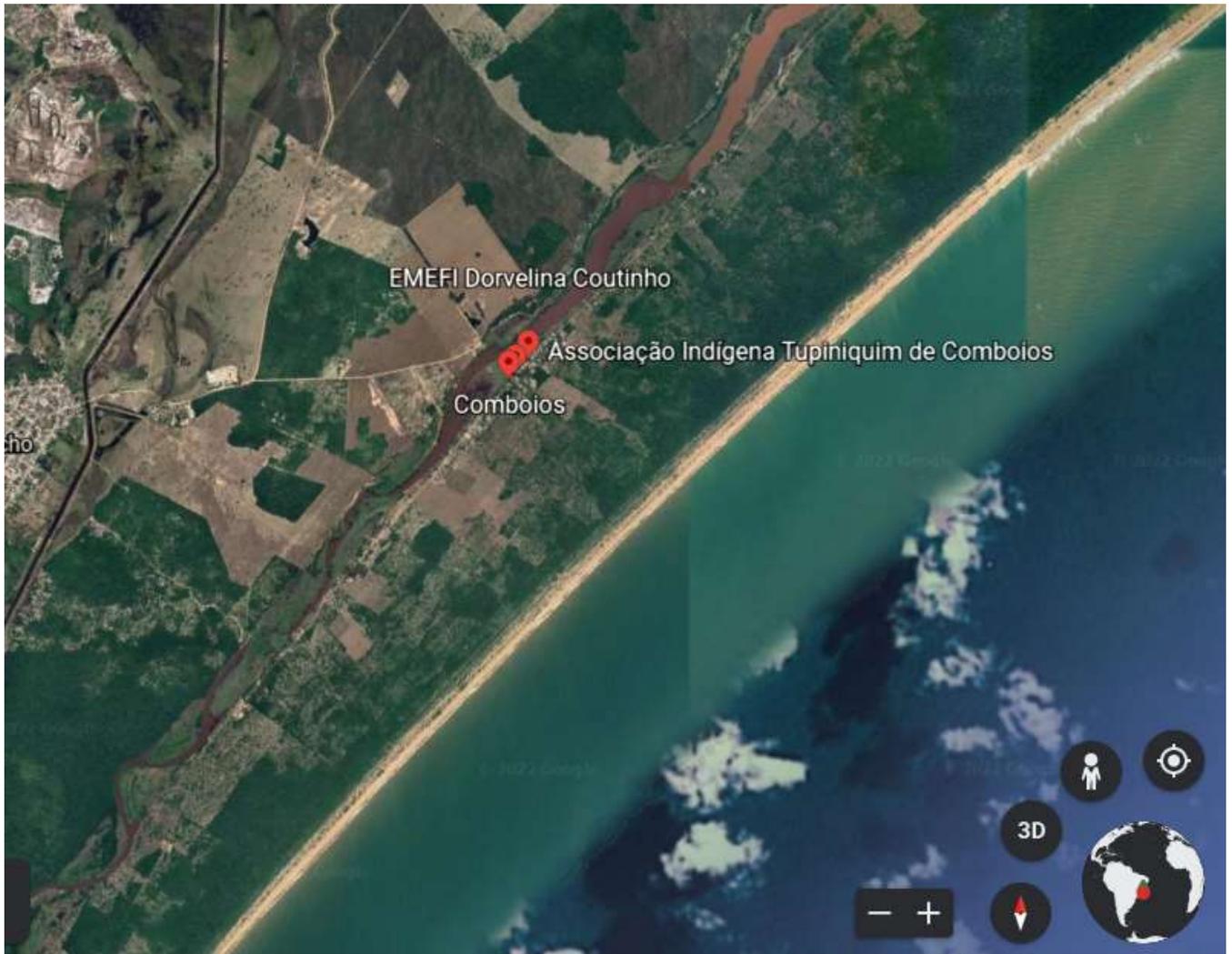


Figura 3: Vista aérea da Aldeia e Rio Comboios. Fonte Google Earth.

3.1.1 História e formação da aldeia.

Nossa aldeia, de Comboios, abriga a etnia dos povos originários *tupinakyã*. Ela fica localizada no município de Aracruz, no estado do Espírito Santo e vai desde a Vila de Regência (administração do Município de Linhares) até o distrito conhecido como Barra do Riacho, que pertence a Aracruz. Parte da aldeia – a ocupação inicial – é considerada uma península por ter um “braço” onde o rio Comboios e o mar se encontram, sendo sua área coberta por muitas matas e restingas.

Os principais problemas enfrentados pela comunidade, na atualidade, são os de infraestrutura, acesso a serviços básicos, qualidade da água, escassez da principal atividade da aldeia que é a pesca, caça e artesanato, principalmente depois de desastres ambientais como o do rompimento da barragem de rejeito de minérios em Mariana/MG¹, que chegou à aldeia e ao mar por meio do Rio Doce, eliminando a vida em seu entorno. Porém outras problemáticas antecedem esse desastre quando da chegada e ocupação das terras *tupinakyîa* por empresas internacionais, como a Aracruz Celulose e, atualmente, a Susano, a Imetame e a Jurong, todas utilizando o Porto Céu, esse último no trecho de praia que, desde um tempo remoto, era utilizado pelos *tupinakyîa* para mariscagem.



Figura 4: “Lama das barragens já matou 11 toneladas de peixes, diz Ibama”. Disponível em <https://veja.abril.com.br/politica/lama-das-barragens-ja-matou-11-toneladas-de-peixes-diz-ibama/>

¹ No dia 05 de novembro de 2015 ocorreu um acidente de mineração no município de Mariana, em MG. Um rompimento na Barragem Fundão, da mineradora Samarco, causou uma enxurrada de lama que destruiu o maior Rio do Espírito Santo – o Rio Doce – e chegou até o Rio Comboios pelo Rio Riacho, que os liga.



Figura 5: Haroldo Cordeiro Filho – Jornal F&N. Disponível em <https://jornalfatosenoticias.com.br/index.php/2020/04/09/quarentena-na-aldeia-comboios/>

Sobre a vida na Aldeia, antes dessa tragédia e da invasão industrial às suas terras, a Professora Maria da Penha Barbosa, dotada da cultura indígena da narrativa como perpetuação da história indígena, nos conta:

“A alimentação dos aldeados, até o início desse século, era o que tinha no entorno e o que era plantado como a farinha, a abóbora, a melancia, a cana. As carnes eram de caça, peixe e até aves como a perdiz, entre outras. Os indígenas aldeados tinham atividades como pesca no mar e no rio em uma ygara. Os que não tinham dinheiro, quando queriam comer alguma coisa diferente, trocavam o alimento, objetos, roupas etc. As mulheres eram responsáveis pela educação dos filhos e por fazer a comida, artesanato. Elas pegavam conchinhas na praia enquanto os maridos pescavam, também produziam sabão entre outras coisas. Os homens eram responsáveis pelo trabalho braçal como roçados, fazer canoa, pesca e caça entre outras atividades.”

Ela também faz um comparativo sobre os dias atuais de como a comunidade se liga ao contexto escolar, e vice-versa:

“Hoje em dia a aldeia tem como espaço para lazer o campo de futebol, quadra esportiva e campo de areia. A escola usa os espaços existentes na comunidade para desenvolver atividades educativas. As atividades realizadas pela escola estão abertas à comunidade local, como as festas do dia dos povos indígenas, onde acontecem as apresentações das danças, jogos tradicionais, brincadeiras, cantos e comidas típicas, na noite cultural entre outros eventos.”

3.1.2 A Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Dorvelina Coutinho

Até por volta da década de 1960 (TEAO; LOUREIRO, 2009), quando povos Guarani migraram para Santa Cruz – distrito também de Aracruz e a cerca de 40km de Comboios – a organização da educação para os *tupinakyia* era um pouco complicada, pois já vinha de um histórico de uma educação confessional católica com os missionários que se estabeleceram ali, desde a colonização do Espírito Santo.

Segundo as memórias e narrativas da Professora Maria da Penha Barbosa, para ter acesso à escola, os *tupiniquins* da região de Comboios, até quase a década de 1990, faziam uma longa caminhada. Ela apresenta então, como surge a ideia da escola utilizada nessa pesquisa:

“Essa escola [a antiga – Empi Comboios de Baixo] não oferecia merenda e, às vezes, não tinha nem professor, pois era um lugar isolado e os professores, até então brancos e de fora das aldeias, tinham de atravessar o rio em canoas e, ainda, seguir parte do percurso a cavalo. O lugar era em um cômodo onde se atendia a todas as idades, a situação era muito complicada naqueles tempos e, por esse motivo, as lideranças, juntas à comunidade, decidiram construir uma escola maior para atender as crianças da aldeia. A escola recebeu o nome de ‘Dorvelina Coutinho’ por que a anciã que ali habitava era uma das benzedoras da comunidade, que ajudou muitas pessoas com o seu conhecimento através das plantas medicinais e sua fé. ”



Figura 6: Anciã Tupinakyia Dorvelina Coutinho. Acervo da Escola, sem data e autoria. Restaurada por Jhennifer Porto Borlout.

Atualmente, escola atende 110 estudantes da Educação Infantil (Grupos 4 e 5) e do Ensino Fundamental de 1º ao 9º ano, em turmas multisseriadas. A escola funciona em dois turnos: matutino e vespertino. No turno matutino são atendidos 76 estudantes, sendo 21 crianças de Educação Infantil e 55 estudantes de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, no horário de 7h às 11:30h. Já no turno vespertino são atendidos 32 estudantes de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, no horário de 12:30h às 17h.

Em seu quadro de pessoal, a escola possui uma organização similar à de uma escola branca, com diretora, pedagogos, auxiliares de secretaria, de biblioteca, de educação básica, de serviços gerais, cozinheiras, assistentes de turno, e um motorista para o transporte escolar. Todos indígenas *tupinakyia*.



Figura 7: Entrada da Emef Dorvelina Coutinho. Acervo das autoras.



Figura 8: Ônibus escolar tracionado. Um dos poucos veículos que circula na Aldeia que é de terreno arenoso. Acervo das autoras.

3.2 Maria da Penha Tupinakyîa

Me chamo Maria da Penha Barbosa, tenho 52 anos, sou da etnia *tupinakyîa*, nascida na aldeia de Comboios, hoje estudante do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (Prolind) pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Atuo há mais de 30 anos como professora da Educação Infantil na Emefi Dorvelina Coutinho.

Na minha infância, em Comboios, estudávamos em uma escola de alvenaria bem simples, com apenas um cômodo para atender todos os estudantes em uma única turma multisseriada. Tínhamos muita dificuldade para chegar a escola, caminhávamos muito e não existia transporte escolar. Muitas vezes os professores faltavam, pois, para se chegar à aldeia, era preciso atravessar o Rio Comboios, o que era feito por canoa ou a cavalo, pela parte mais estreita e rasa. Não havia merenda e, a comida tinha que ser levada de casa, isso quando tínhamos comida ou quando a mesma não era roubada no longo caminho até a escola. Precisei abandonar a escola muito nova, pelas dificuldades de acesso.

Em 1979, houve uma grande enchente que tomou todas as casas da aldeia, inundando tudo por ali. Muitos indígenas foram embora de Comboios. Meus pais conseguiram nos levar às pressas, apenas com as roupas do corpo, para a Vila do Riacho e ficamos abrigados na escola Ermentina Leal, porém, ao amanhecer, tudo também estava tomado pela enchente e tivemos que buscar abrigo no Centro de Aracruz. Após ser contratado, temporariamente, pela empresa Florestal – que explorava as terras indígenas e plantava eucalipto para a produção de celulose – e, com a baixa do rio, meu pai conseguiu nos levar de volta a Vila do Riacho. Seu desejo era de que frequentássemos a escola e dizia que por ser analfabeto, não queria que os seus filhos também não aprendessem a ler e escrever.

Morei durante treze anos na Vila do Riacho, onde estudei até a 8ª série. Logo depois, voltei para Comboios, onde conheci uma freira, a Irmã Ângela numa missa de domingo. Ela era voluntária na Aldeia e trabalhava no combate a subnutrição, muito comum naqueles anos. Trabalhei com a Irmã Ângela que me convidou para

fazer parte de um curso de formação para Professores Indígenas. Esse curso começou em 1996 e eu fui a primeira mulher indígena aldeada de Comboios a participar dessa formação, conseguindo concluir o curso de Magistério Indígena. Os encontros eram realizados na aldeia de Caieiras Velha ou em uma igreja Católica no Município de Ibirajú, onde ficávamos alojadas no Centro Comunitário, numa Escola ou em dormitórios dentro da igreja durante quinze dias por falta de transporte e pela distância. As aulas eram ministradas por professores não-indígenas, como voluntários. Com dois anos de formação iniciei minha primeira experiência como alfabetizadora na Educação de Jovens e Adultos.

Antes de voltar para Portugal, a irmã Ângela me pediu para fazer um juramento de que eu prosseguiria dando aula, mas para a Educação Infantil, então ingressei na Emefi Dorvelina Coutinho, onde atuo até os dias atuais. A irmã Ângela faleceu por consequência da Covid19, em Portugal, no ano de 2021.

3.3 Lorrani Tupinakyia

Nasci em 1996, sou *tupinakyia*, da Aldeia de Comboios em Aracruz, Espírito Santo. Nos meus primeiros dias de vida meu avô, João Alves Rodrigues, me para beber a primeira água da chuva que caiu sobre Comboios. Para ele, segundo nossa cultura, isso me ajudaria a ser mais comunicativa, enfim me tornei uma tagarela.

Desde pequenina, eu acompanhava meus pais nas atividades de plantio, produção de farinha e na pesca no encontro do rio com o mar. Meu pai dizia que era essencial que, eu, minhas irmãs e meus irmãos, estivéssemos juntos nessas atividades, assim todos nós aprenderíamos e poderíamos passar essa parte da nossa cultura de geração em geração.

Iniciei meus estudos com quatro anos de idade na escolinha onde, atualmente, é o Centro Comunitário da Aldeia. Em 2002 passei a estudar na escola indígena Emefi "Dorvelina Coutinho" onde estudei até a 6ª série do Primeiro Grau (hoje 7º ano do Ensino Fundamental), no ano seguinte estudei em uma escola no bairro mais

próximo, que é Vila do Riacho, onde conclui os ensinamentos Fundamental e Médio. A diferença principal entre as duas escolas é que, na escola indígena da minha aldeia, eu tinha aulas de *Tupinhe'eng*, diferente da escola na Vila.

No ano de 2012 fui chamada para participar do Projeto *Ma'enduara*, que foi uma das melhores coisas que aconteceram na minha vida. Ali aprendi a valorizar a nossa cultura, ter orgulho da etnia *Tupinikim* e, por dois anos, me mantive como instrutora de resgate das práticas culturais.

Em 2014 participei como auxiliar de professora no Programa do Governo Federal "Mais Educação"², onde trabalhei durante três anos na escola onde comecei minha formação, Emefi "Dorvelina Coutinho". Por meio dessas funções, que fui desenvolvendo dentro da minha própria aldeia, eu comecei a ter interesse mais aprofundado pelo que eu estava aprendendo e desenvolvendo ali. Na ocasião, surgiu a oportunidade de ingressar no Curso de Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena – Prolind, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). É importante lembrar que esse curso foi resultado de uma parceria de muitos anos entre professores da Ufes e as lideranças indígenas que requisitavam o direito pela formação específica para Educadores Indígenas que pudessem atuar nas em todas as Aldeias do município de Aracruz.

Hoje estou estudando Licenciatura Intercultural Indígena com habilitação na área de Arte, Linguagens e Comunicação, bem como atuando como professora de *Tupinhe'eng* para a Educação Infantil e Ensino Fundamental, na Aldeia de Comboios, onde eu incentivo e contribuo para a formação das crianças e adolescentes desta comunidade.

² Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao>. Último acesso: 15/02/2022. 14h49min.

4. A SALA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PROPOSTA DE SALA TEMÁTICA CULTURAL-EDUCACIONAL PARA CRIANÇAS TUPINAKYÏA

Como exposto na metodologia, procuraremos por meio desse projeto, estabelecer uma pesquisa documental imagética do “antes” e “depois” da nossa sugestão de uma sala temática cultural para crianças *tupinakyïa*. Assim, partiremos, tendo fotos e imagens como fonte documental, para um protocolo de (PRODANOV e FREITAS, 2013) **a) leitura:** uma interpretação crítica do que observamos/registramos e **b) reflexão/sugestão** sobre uma interferência naquilo que for observado.

É importante ressaltar, antes de nossa leitura, que as fotos apresentadas representam um período de retorno às aulas, ainda na pandemia de Covid19, sendo assim, o que se apresenta é uma sala vazia e com as restrições de segurança possíveis dentro desse retorno, conforme exigência da Secretaria e do Conselho Municipal de Educação. Porém, de uma maneira geral, ela apresenta uma estética comum a qualquer outra sala de Educação Infantil no Município, sem qualquer diferenciação por ser em uma Escola Indígena.

Nossa proposição não se referenciará à pandemia quanto ao mobiliário proposto seguindo os estudos de contaminação³, a qual almejamos que seja passageira.

³ O risco de transmissão do novo coronavírus por fômites na vida real é baixo (Nishioka, 2020). Goldman E. Exaggerated risk of transmission of COVID-19 by fomites. *Lancet Infect Dis* 2020;20:892-893. doi: [https://doi.org/10.1016/S1473-3099\(20\)30561-2](https://doi.org/10.1016/S1473-3099(20)30561-2) (Publicado online em 3 de julho de 2020). Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/especial/covid19/markdown/297>. Último acesso em: 03/03/2022 às 12h10.

4.1 Como a sala é hoje



Figuras 9 e 10: visão frontal da sala / visão do fundo da sala. Fonte: acervo das autoras.



Figuras 10 e 11: prospecções em computador da sala de aula do Grupo 4 e 5 da Educação Infantil na Emefi Dorvelina Coutinho. Perspectiva da sala como vista de frente e como vista do fundo. Arte: Jonas Pedroza.

Atualmente, essa sala é utilizada para a Educação Infantil da Escola Indígena de Comboios. A sala apresenta muitas possibilidades: ela é bem ampla (altura 5 metros,

largura 5 metros e 10 metros de comprimento). Ela possui um quadro branco sobreposto à parede, acima da metade, que tem uma porta a direita e, a mesma, sob um arranjo de 10 cobogós para ventilação. A parede oposta ao quadro possui uma janela grande e uma claraboia para iluminação. Ela possui dois ventiladores de parede. A estrutura da sala é de alvenaria pré-moldada e o piso é cerâmica simples, com rejuntas. As paredes não são revestidas, são de blocos aparentes e é pintada de tinta óleo até a metade, na cor azul. Possui 6 lâmpadas comuns para iluminação, 3 tomadas com passafio aparente e dois interruptores para acendimento. O teto apresenta vigas e lajotões, também comuns às estruturas pré-moldadas. O que ficou do mobiliário, por conta das regras de afastamento, durante a pandemia Covid19, foram 5 mesas hexagonais (duas amarelas, uma azul e duas rosas) com duas cadeiras cada uma (com cores similares às das mesas)⁴.

4.2 Leituras e Reflexões/Sugestões:

QUADRO BRANCO

Para Maria da Penha Barbosa, professora da turma, existe uma dificuldade para que as crianças tão pequenas interagem num quadro branco muito mais alto que elas. A professora Lorrani Rodrigues, que ensina a língua Tupi, também acha importante, nesse processo, que os estudantes consigam se expressar utilizando pincel para escrever no quadro. Dar acesso ao quadro branco, também corrobora com uma educação onde as relações de poder são amenizadas e a frente da sala não signifique mais o professor como o centro do processo, ajudando até em atividades coletivas. Dessa maneira, numa sala de aula para crianças pequenas, sugerimos ao designer que o quadro se estendesse até o chão, tornando acessível aos estudantes. Também decidimos que ao colocá-lo na parede onde a sala tem o “lado maior”, as mesinhas e/ou carteiras não precisariam ser enfileiradas, mas

⁴ Durante a finalização desse trabalho, as mesas hexagonais foram substituídas por cadeiras em mesinhas individuais.

alojadas de forma mais circular – uma maneira comum nas reuniões, rituais de dança e festas nos costumes *tupinakyã* – ao redor do quadro.

Uma cor mais clara ao fundo auxiliaria na iluminação da sala e o emolduramento com madeira reflorestada.

ASSENTOS DOS ESTUDANTES

Com tempos de aula prolongados e a movimentação que as crianças fazem dentro da sala também consideramos importante assentos confortáveis como “*puffs*” (FIGURA 12), fáceis de serem movidos e alternados com as carteiras (FIGURAS 18 e 20) em momentos de produção escrita. Esses tipos de assento seriam utilizados em momentos de “contação de histórias”, assistir a filmes, brincadeiras de roda e poderiam ser dispostos de variadas maneiras.

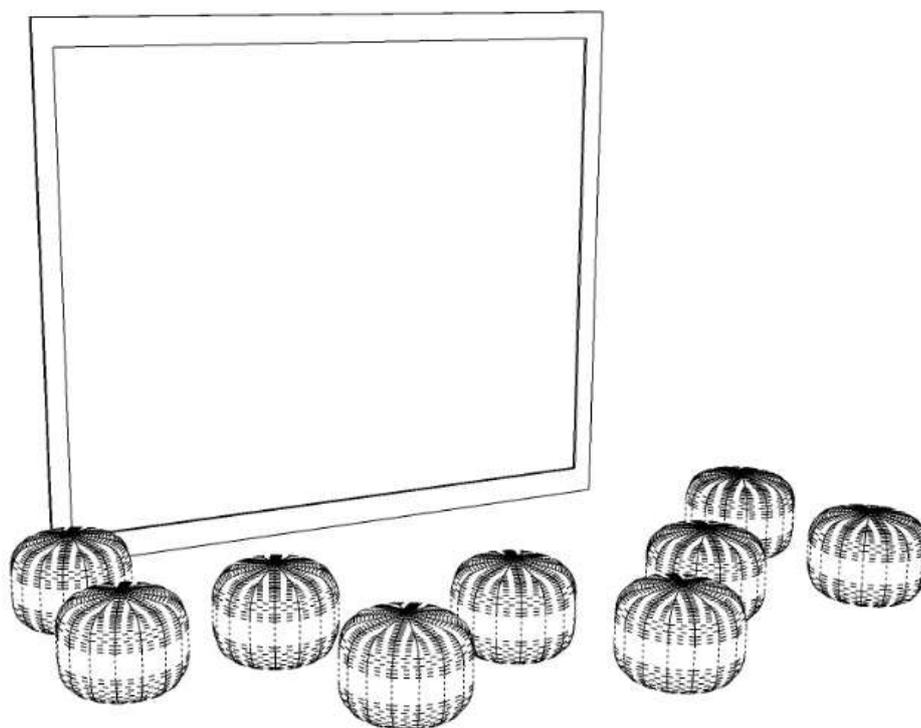


Figura 12: croqui quadro branco e assentos móveis para as crianças. Arte: Jonas Pedroza.



Figura 13: projeto para o quadro branco e assentos móveis para as crianças. Arte: Jonas Pedroza.

MESA DA PROFESSORA, TV E PAINEL EXPOSITIVO

Deslocar a mesa do centro foi uma ideia que tivemos, também pensando nas questões de centralidade do ensino. Ela seria em forma de “L” onde podem ficar dispostos os pincéis para quadro branco, os materiais utilizados pela professora e também um computador. Na parede ao fundo, decidimos por um painel de fotos com imagens de difícil acesso aos estudantes, como imagens aéreas da aldeia, imagens da praia, do rio, de animais e plantas que compõem a fauna e a flora da região. Também podem ser fotos de canoas, da Casa de Farinha, da Casa de Reza, de casas de sapé que, aos poucos, têm sido substituídas por casas de alvenaria na Aldeia. Iniciamos com a ideia de um retroprojetor, porém com o orientador e o designer Jonas, consideramos suas ideias de colocar uma TV em modo retrátil, pelo tamanho da sala e pelos novos modelos vários tipos de conexão.

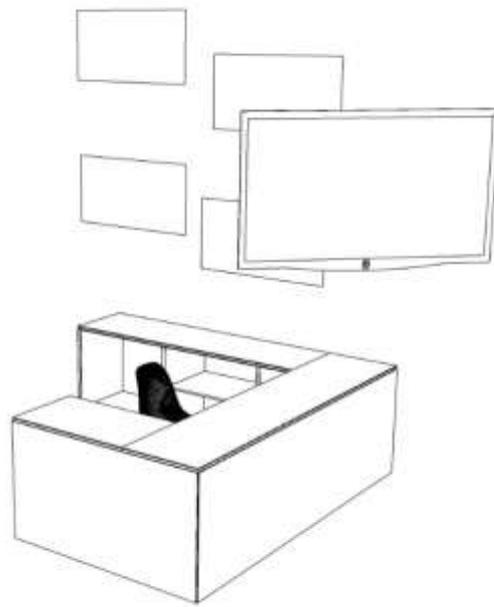


Figura 14: croqui mesa da professora, TV e painel com fotos. Arte: Jonas Pedroza.



Figura 15: projeto para mesa da professora, e painel com fotos (a TV retrátil ainda não aparece na parede, mas se localizará ao lado ou no lugar da segunda foto na linha de cima). Arte: Jonas Pedroza.

“ÁRVORE DA VIDA” – ESTANTE COM LITERATURA DOS POVOS INDÍGENAS

Às árvores sempre caem as folhas antes de reviver. A ideia foi a de uma estante de livros com literatura infantil indígena, escrita por indígenas. Também é uma ideia de que se ajustem os “*puffs*” em volta dela para a contação de histórias por parte da professora. Inicialmente pensamos numa fogueira cenográfica, mas a ideia da árvore remete muito à nossa ancestralidade, história e também à vida. A natureza tem muita influência na aprendizagem da cultura *tupinakyia*. Também escolhemos essa que essa “árvore da vida” ficasse próximo ao “portal da natureza”.

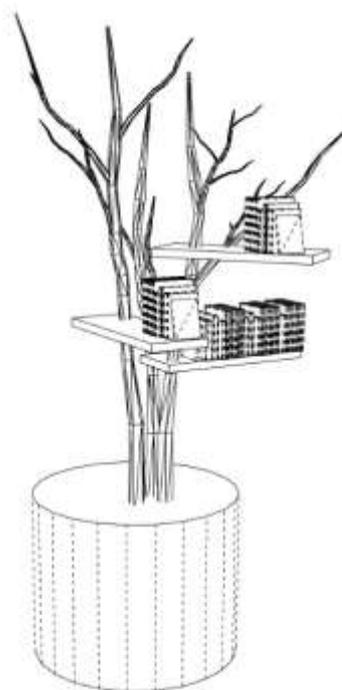


Figura 16: croqui “árvore da vida”, repositório para livros com temática indígena para crianças. Arte: Jonas Pedroza.



Figura 17: projeto “árvore da vida”, repositório para livros com temática indígena para crianças. Arte: Jonas Pedroza.

PAINEL ALDEIA, MESA PARA ATIVIDADES ARTÍSTICAS, NICHOS E ARMÁRIOS

O arranjo de painel na figura de 4 formas onduladas e que parecerão flutuar em alto relevo, estará na parede em frente ao quadro branco. Essa parede poderá ser ocre, laranja ou alguma cor fria, como o azul fechado, para auxiliar na climatização da sala. As ondas servirão para que nos lembremos do quanto somos cercados por água, tão importante na nossa cultura. Também poderá lembrar o mar. A cor vermelha cobrirá a maior parte e é para lembrarmos das sementes, das flores, do urucum e das frutas. A cor branca pela paz tão almejada nas nossas lutas pela terra. O verde representando nossas matas e o marrom, infelizmente, para que não esqueçamos da morte e a poluição causada no Rio Comboios. Os ondamentos também terão nichos de formas irregulares onde poderão ficar dispostos elementos

da cultura *tupinakyã* como cestarias, cerâmicas, cuias, entre outros. Também, na sessão verde poderão ser disposto elementos maiores, presos à parede, tais como remos, tangas, cocares, arcos, flechas, lanças, etc.

Uma bancada ficará disposta abaixo do painel ondulado para atividades, principalmente artísticas, de desenho, de produção de arte e artesanato indígena, porém também, se guardará embaixo dela as carteiras que poderão ser rearranjadas em frente ao quadro branco, trocando facilmente de lugar com os “*puffs*” tornando a sala sem a aparência de um lugar de contenção. Haverá liberdade para rearranjar a sala em várias combinações possíveis. Mais próximo à porta, ficarão dispostas cestas, esteiras, ou um painel trançado de taboa para que sejam afixados trabalhos dos estudantes. Logo abaixo das cestas um armário para guardar os materiais das crianças, suas mochilas e seus brinquedos, tudo para tornar o ambiente mais lúdico possível.

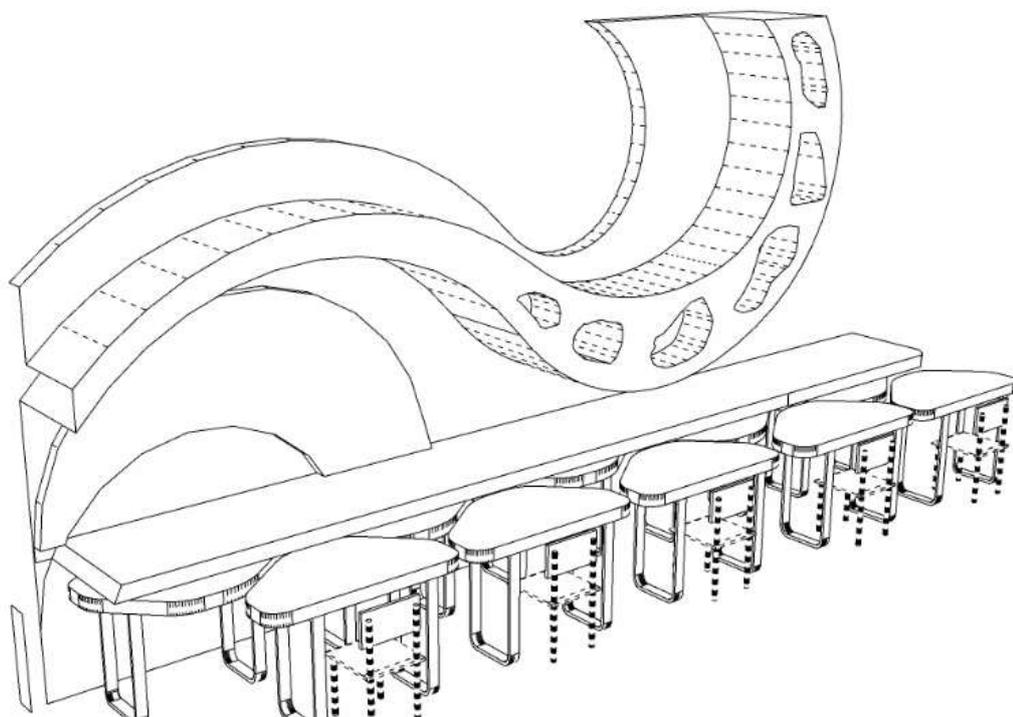


Figura 18: croqui “Painel Aldeia”, mesa para atividades. Arte: Jonas Pedroza.

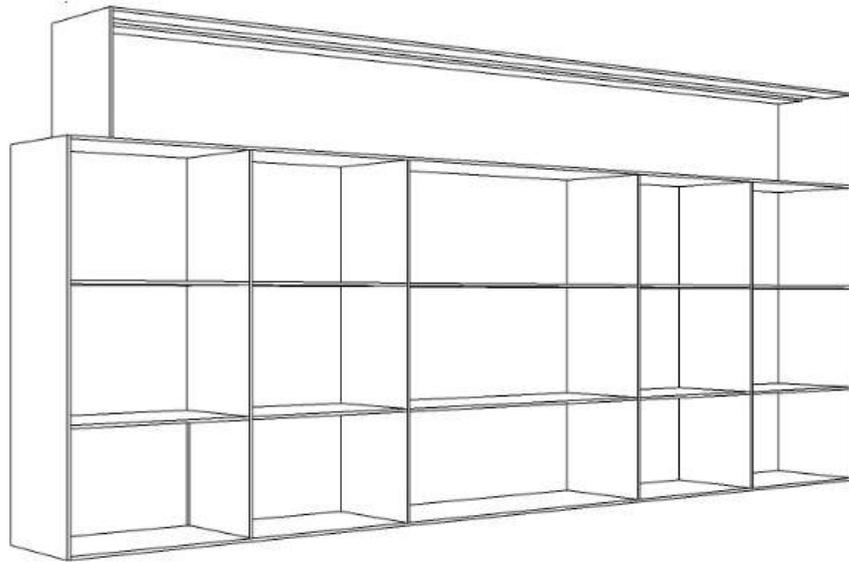


Figura 19: croqui “armários” – guardar materiais escolares das crianças e brinquedos. Arte: Jonas Pedroza.



Figura 20: projeto “painel aldeia”: mesa para atividades e armários. Arte: Jonas Pedroza.

PORTAL DA NATUREZA (PORTA DOS FUNDOS PARA A ALDEIA)

Ao fundo da sala, bem ao lado da “árvore da vida” decidimos por uma porta que dê acesso ao exterior da escola. Ela será de vidro para que a natureza possa entrar, de alguma maneira, no contexto da sala de aula. Através do vidro (ou com a porta aberta) as crianças poderão ver a natureza, a cabana, as árvores ao redor. Também poderão sair para brincadeiras coletivas no parquinho da escola.

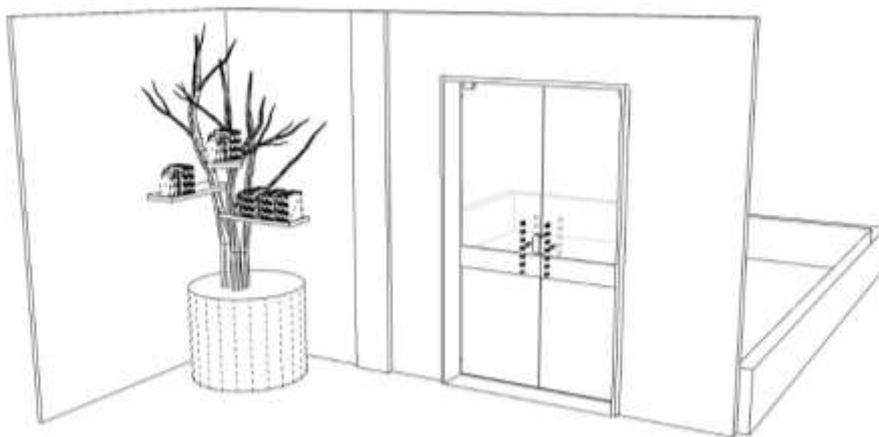


Figura 21: croqui “portal da natureza”. Arte: Jonas Pedroza.

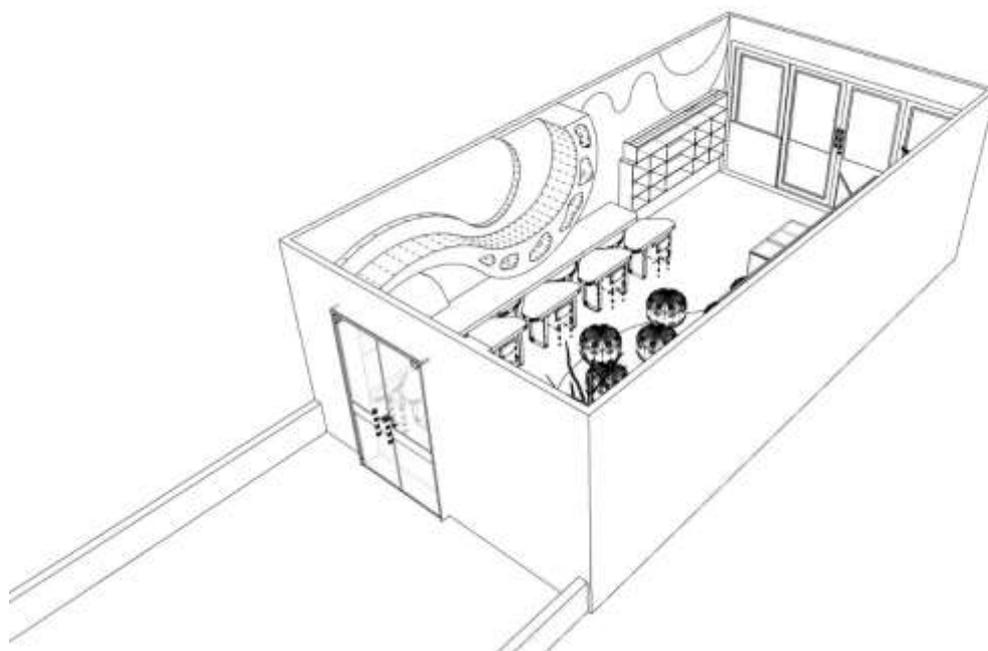


Figura 22: croqui “portal da natureza” com saída para a área externa da escola. Arte: Jonas Pedroza.



Figura 23: projeto “portal da natureza” com saída para a área externa da escola. Arte: Jonas Pedroza.



Figura 24: vista do “portal da natureza”: a cabana onde são realizados festividades e eventos, tendo ao fundo a mata atlântica. Acervo das autoras.

PORTA PRINCIPAL

Uma sala temática também deverá ser didática para visitantes, outros estudantes, professores e toda equipe escolar. Sugerimos que toda a parede da frente da sala, que dá acesso ao corredor seja de madeira (até a altura das crianças) e de vidro na parte superior, para que pais e equipe escolar possam ver as crianças em interação.

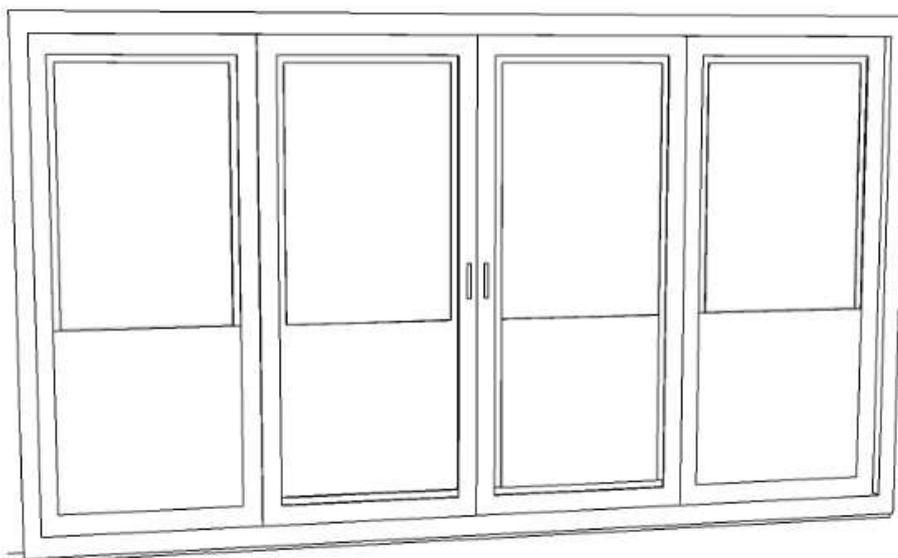


Figura 25: croqui “porta principal” com saída para o corredor da escola. Arte: Jonas Pedroza.



Figura 26: projeto “porta principal” com saída para o corredor da escola. Arte: Jonas Pedroza.

LUMINÁRIAS “FASES DA LUA” E AR CONDICIONADO

Pensamos uma sala onde o teto dissesse também sobre a cultura da astronomia indígena, das nossas estações, das nossas crenças e tradições. Se ele fosse preto e com estrelas, talvez escurecesse muito a sala, então pensamos em 4 luminárias que representem as quatro fases da lua, no formato e numa plotagem com a aparência da mesma.

Haverá um ar condicionado para climatização, em dias muito quentes. Também poderemos instalar ventiladores.

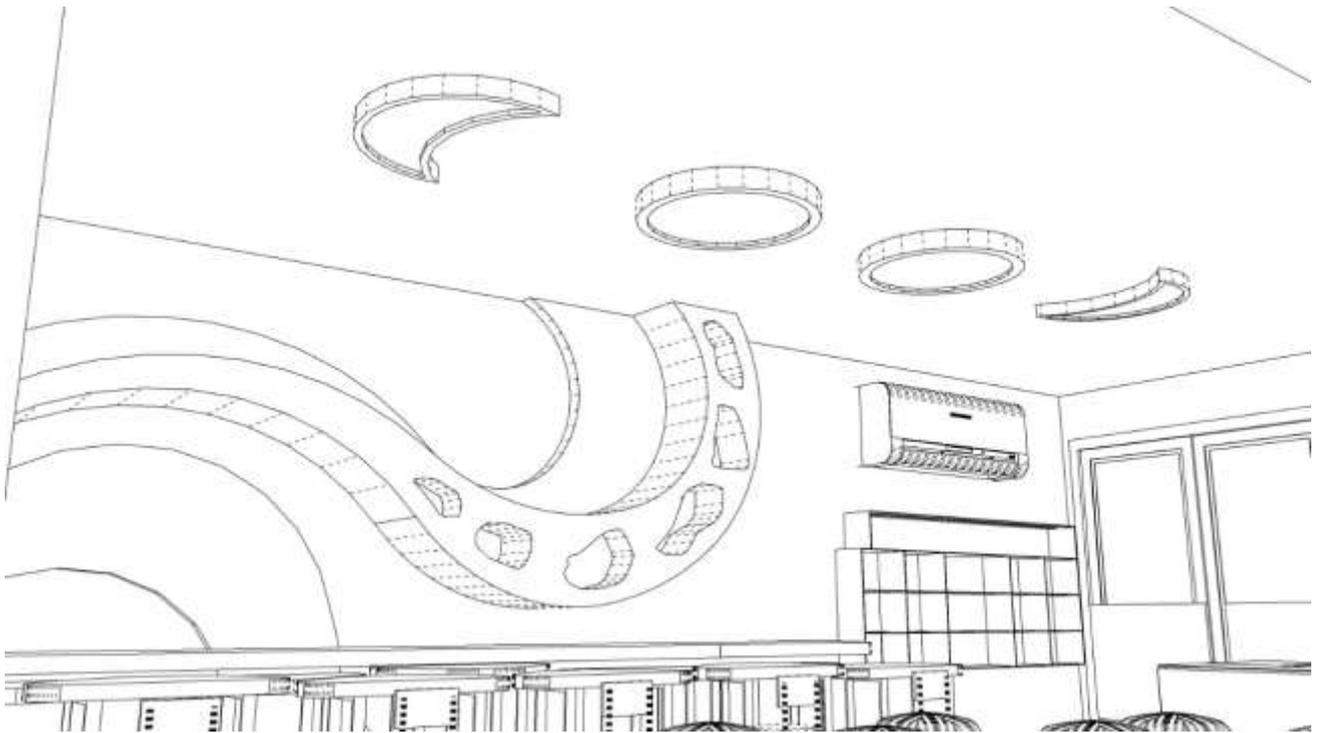


Figura 27: croqui luminárias “fases da lua” e climatização. Arte: Jonas Pedroza.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por muitos anos, os não indígenas têm entendido ou posicionado os indígenas num lugar distante do que eles consideram “progresso”. Ainda há pessoas que consideram que os indígenas devam viver nos modos primitivos de 1500, quando fomos invadidos. Fantasiam todos os indígenas da guerra, da nudez, como nômades. Enxergam todas as etnias como uma só, protagonizando na TV e em livros uma caricatura dos indígenas como selvagens ou utilizando os pronomes errados. Apagam-se as identidades e as características culturais dos vários povos, colocando-as num pacote de generalidades. A ideia de uma sala que fosse atual, não deslocada no tempo, mas com elementos na nossa história e cultura foi nossa ideia inicial. Ideia pela qual ficamos preocupadas até que nos deparamos como o texto de Jocelino Quiezza Tupininkim (2021)

Não somos o desenho do livro didático, a imagens de uma reportagem, o texto romântico de um escritor ou as ilustrações fotográficas de uma revista. Que produz na visão da grande massa, um sujeito estereotipado, dentro de uma caixinha, quase sempre visto por um olhar limitado. (p. 2)

E continua (QUIEZZA, 2021):

Como povos indígenas, hoje somos artesãos, pescadores e caçadores natos, continuamos produzindo nossas farinhas, beijus e tapiocas, somos produtores agrícolas, criadores e coletores, pais, mães, filhos, possuidores de uma poderosa narrativa que atravessam gerações e gerações por meio da oralidade, construindo verdadeiras estruturas culturais e tradicionais para a nossa autoafirmação identitária. Também somos pedreiros, carpinteiros, eletricitas, soldadores, cozinheiros, jardineiros, armadores, motoristas, cuidadores, vendedores, empreendedores, professores, enfermeiros, dentistas, advogados, nutricionistas, assistentes sociais, terapeutas familiares, agentes de saúde, médicos, engenheiros florestais, engenheiros agrícolas, engenheiros mecânicos, psicólogos, biólogos, graduados e pós-graduados, mestres e doutores. (p. 3-4)

Assim, consideramos que nossa proposta como Produto Cultural Educacional, pode ser validada ao avaliarmos que, no processo de recuperação da cultura *tupinakyã*, precisamos pensar na formação cultural desde à infância e que haja uma relação entre nossa cultura ancestral e nossa vivência numa vida contemporânea com todos os recursos possíveis para uma educação com a mesma qualidade oferecida a qualquer participante dessa nação.

6 REFERÊNCIAS

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

VAGO-SOARES, Maria Angélica. Infância, arte e cultura: experiências em (com)textos educativos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

TEAO, Kalna Mareto; LOUREIRO, Klítia. História dos índios do Espírito Santo, - 1. Ed, Vitória, ES: Ed. Do Autor, 2009.

QUIEZZA, Jocelino. Sou Tupinikim, não sou o que você quer que eu seja. ABATIRÁ - Revista de Ciências Humanas e Linguagens Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Campus XVIII V2: n.3 Jan/Jul: 2021.